

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Borantim

Class.: 53

Data: set/81

Pg.: _____

Guaraná como suprasumo enquanto a doença prolifera



Os Sateré-Mawé preparando o Guaraná

Ao investir maciçamente em "projetos econômicos", a Funai abandona o setor de saúde, justamente o de maior carência entre as populações indígenas. Os exemplos lamentáveis das mortes causadas pelo sarampo, no período abril-maio e recentemente, em agosto têm como agravante a falta de uma assistência efetiva nesse campo.

O órgão fez um grande alarde ao enviar os mínimos socorros necessários aos Yanomami, em Roraima, há dois meses, mas escondeu que as doenças invadiram os Waimiri-Atroari, os Macuxí e os Sateré-Mawé. Há sério risco do sarampo continuar dizimando crianças e adultos, caso a Funai não se disponha a prevenir o mal, ao invés de remediá-lo apenas.

Morreram duas crianças em Castanhal; uma em Torrado; nove em Vila Nova; três em Terra Preta e três em São Raimundo; e três mulheres em Vila Nova, entre os Sateré-Mawé. Nesse povo, concluiu-se que a assistência prestada pelo órgão não pode ser simplesmente ocasional, eis que a vacinação só abrangeu até agora a parte baixa do rio Andirá. Com o último surto, cuja origem teria se dado em Parintins, a "tutora" perdeu-se completamente na sua programação irregular, irritando a todos que aguardavam uma ação mais eficiente.

SEMPRE ATRASADA

E o velho ditado popular: "pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto", aplica-se para a Delegacia da Funai. Sua equipe de vacinação, segundo denunciaram os índios, só apareceu na área após o sarampo ter se alastrado, na primeira quinzena de maio último. Os Sateré-Mawé advertem: "A doença não espera o médico".

O que ocorreu no rio Andirá nos meses de abril e maio?

— A doença tomava conta das mulheres e das crianças, enquanto o responsável pelo posto indígena viajava para Santarém (PA), em busca de mudas de guaraná. Uma médica de Maués prestou ligeira assistência na área, não o suficiente para conter o sarampo.

No encontro dos tuxauas em Simão, no mês de junho, os índios já haviam pedido uma assistência trimestral à equipe médica da Funai, bem como a vacinação regular. Alegaram que as doses são aplicadas "de vez em quando" de modo incompleto, razão porque não se corta o mal.

Naquela mesma ocasião, o secretário de Saúde do Amazonas preconizava um plano de ação comum para a região do rio Andirá, prometendo que entraria em contato com o delegado Kazuto Kawamoto, da Funai. Ignora-se qualquer fruto da idéia dessa autoridade, pois até o presente o que se ouve falar é de epidemias e mortes. A vacinação atinge uma faixa onde a equipe encontra acesso, todavia não vai a fundo cobrindo áreas mais longínquas e onde há malocas.

Já ficou comprovado que a preocupação única e exclusiva da Delegacia da Funai-Amazonas, prende-se ao mirabolante planífi do guaraná e da laranja, como se isso representasse a redenção econômica de um povo doente. E, em se tratando de uma volumosa soma de recursos financeiros, o que a "tutora" tem provocado entre os Sateré-Mawé nada mais é do que a desagregação das famílias e uma série de desentendimentos e rixas entre os chefes indígenas.

NOVO SURTO

No final de agosto último, chegavam a Manaus informações de que um novo surto de sarampo grassou entre aqueles índios, desta vez na aldeia de Marau, no município de Maués.

Dia 21, um adulto morria. Outros 10 índios - oito adultos e duas crianças - contraíram a doença não resistindo. A Funai, uma vez mais às pressas, teria enviado à área uma embarcação para prestar assistência aos doentes. Ficou claro e evidente, novamente, que remediar, para o pessoal da 1ª Delegacia, continua sendo melhor que prevenir.